

# MECANISMOS DE PRODUÇÃO LEXICAL NO PORTUGUÊS EUROPEU<sup>1</sup>

Graça Maria RIO-TORTO<sup>2</sup>

- RESUMO: Partindo da distinção entre processos e regras de formação de palavras, caracterizam-se os processos genolexicais que o português europeu convoca e inventariam-se e descrevem-se algumas das mais significativas regras derivacionais desta língua.
- PALAVRAS-CHAVE: Formação de palavras; léxico; lexicologia; morfologia; português europeu.

## 0 Preâmbulo

O estudo dos mecanismos de formação de palavras numa língua coloca hoje múltiplos problemas teóricos e metodológicos extremamente interessantes e de natureza muito diversa.

Deles destaco apenas dois, prévios a todos os outros. O primeiro consiste em saber como se articula o sector em apreço com os demais sectores da língua, ou seja, qual o lugar que a formação de palavras ocupa na estrutura e na gramática das línguas. Porque se trata dum problema que, em última instância, envolve toda uma teoria da linguagem, fáceis são de entrever as vastas e complexas implicações que a sua dilucidação envolve.

---

1 O texto obedece à ortografia do português de Portugal.

2 Universidade de Coimbra – Coimbra – Portugal.

O segundo consiste em saber qual a natureza das operações semântico-derivacionais que presidem ao sistema de formação de palavras numa língua, e que critérios teóricos e metodológicos adoptar para identificar os diferentes níveis de significação presentes em cada produto derivacional.

O conhecimento do sistema de formação de palavras numa língua requer um sólido mapeamento dos recursos e dos mecanismos genolexicais, ainda por levar a cabo no âmbito da língua portuguesa, pelo menos na sua variante europeia. Trata-se dum domínio em relação ao qual apenas dispomos de análises sectoriais e avulsas, sendo por isso necessário proceder a uma abordagem sistemática e fundamentada num modelo teórico coerente e adequado à língua em causa.

A proposta de tratamento dos mecanismos de produção lexical que aqui se apresenta assenta no postulado seguinte: o sistema de formação de palavras numa língua assenta num conjunto de procedimentos de natureza morfo-léxico-semântico-sintáctica que, a partir de determinado número de elementos de base, constroem outros destes decorrentes. Esses procedimentos são os *processos* e os *paradigmas* de produção lexical.

Os processos de formação de palavras que actuam no âmbito dos diversos sistemas linguísticos estão hoje relativamente bem caracterizados; porém, são bastante menos conhecidos quer os paradigmas que dão corpo ao sistema de formação de palavras de cada língua específica, quer as manifestações que a articulação entre processos e paradigmas assume na língua portuguesa.

Numa primeira fase (1) proponho-me passar em revista as modalidades que os processos de formação de palavras assumem na nossa língua. Numa segunda fase (2) equacionar-se-ão alguns dos aspectos de natureza teórica e metodológica que o tratamento dos mecanismos de produção lexical do português comporta. Na terceira parte (3) debruçar-me-ei sobre a análise concreta dos paradigmas derivacionais do português, na sua variante europeia.

## **1 Processos de formação de palavras**

A caracterização dos principais tipos de *processos* de formação de palavras assenta numa tipologia de operações que contempla essencialmente três grandes grupos: o das operações aditivas, o das operações substractivas ou redutivas e o das operações modificativas.

Cada um destes grandes tipos compreende diversas modalidades:

- *operações de adição*: por afixação (prefixação, sufixação, circunfixação e infixação), por reduplicação e por composição;
- *operações de subtração, supressão, redução ou abreviação*;
- *operações de modificação*: apofonia, metátese;

Dos tipos mencionados, os mais produtivos são, em português, os que assentam em operações de *adição* ou de *concatenação* e, dentro destes, a afixação e a composição. As operações de *modificação* não têm expressão no sistema derivacional do português. Os que assentam em *operações de redução* podem assumir diferentes modalidades, envolvendo a supressão de segmentos finais, iniciais ou mediais, e podem manifestar-se de forma mais ou menos regular ou aleatória. No panorama genolexical do português europeu os processos redutivos são claramente menos significativos que os aditivos.

Porque a secção 3 será consagrada à análise das manifestações da afixação em português, limito-me agora a tecer algumas considerações gerais sobre os processos aditivos.

### **Processos aditivos**

No âmbito dos processos aditivos incluem-se a afixação, a reduplicação e a composição.

A *afixação* consiste na adjunção dum afixo a uma base, e pode assumir as modalidades de prefixação, sufixação, circunfixação e infixação.

A *composição* consiste na concatenação de pelo menos duas bases, cada uma das quais pode ser mais ou menos autónoma.

A *reduplicação* manifesta-se fundamentalmente em registos expressivos, na linguagem infantil (*dóidói, pópó, papá, pépé, tau-tau*), na linguagem familiar (*titi, vóvó*), e em vocábulos onomatopáicos (*miau-miau, piu-piu*). Alguns produtos formados por este processo encontram-se já lexicalizados (*bombom*), ou em vias disso.

Contrariamente à derivação, que implica a existência de uma só base e de um afixo, a *composição* distingue-se pelo facto de envolver pelo menos duas bases, autónomas ou não, cada uma das quais é suposta ter capacidade referencial. O composto é, assim, uma unidade lexical constituída por duas unidades lexicais dotadas de poder referencial.

O estudo da composição envolve muitos e complexos problemas. Um deles é, desde logo, o de saber até que ponto a composição se subsume numa operação de adição, reconhecido é que o produto final está longe de ser ou sequer de reflectir a mera soma das partes constituintes. Relacionada a esta está a questão de saber até que ponto os compostos são objectos morfológicos ou objectos (morfo-) sintácticos, que representam formas compactadas de proposições, ou seja, produtos que correspondem a uma antiga unidade sintáctica, entretanto cristalizada.

Um outro problema também em aberto é o que consiste em delimitar as fronteiras entre compostos, sintagmas fixos e palavras prefixadas e, em íntima relação com estes, o da distinção entre constituinte afixal e constituinte composital. Os critérios mais insistentemente avançados assentam no poder referencial dos constituintes e não estão isentos de dificuldades, como facilmente se constata através de numerosos exemplos.

Uma forma expedita de ultrapassar a eterna questão das fronteiras entre prefixação e composição, sobretudo quando estão em causa produtos lexicais de clara inspiração greco-latina, consiste em considerar os temas ou radicais greco-latinos como bases prefixais (*anfi-*, *extra-*, *inter-*, *mono-*, *multi-*, *poli-*, em *anfi-teatro*, *extra-programa*, *inter-cidades*, *mono-motor*, *multi-uso*, *poli-grupo*) ou sufixais (*-ífico-*, *-ífer-*, *-duct-* em *calor-ífico*, *frut-ífero*, *oleo-ducto*), consoante figuram à esquerda ou à direita, no produto acabado. Todavia, persiste o problema de saber se é legítimo limitar o conceito de base prefixal aos segmentos com mais de uma sílaba, ou se também é possível estendê-lo aos monossilábicos.

A *afixação* manifesta-se em português por *prefixação* (anteposição de prefixo), por *sufixação* (post-posição de sufixo) e por *circunfixação* (aposição de um afixo descontínuo ou circun(a)fixo).

Em português não se regista formação de palavras por *infixação*, entendida como intercalação de um afixo no interior da estrutura de base. Aquando da sequência de dois afixos trata-se de recursividade isofuncional (*casotita*; *livretezinho*; *maletazinha*; *sacolita*) ou de sucessividade heterofuncional (*aldrabãozinho*; *familiarização*; *favoritismo*; *roseiral*), pressupondo-se portanto a sucessão de pelo menos duas operações derivacionais consecutivas.

A *circunfixação*, a que tradicionalmente se dá o nome de parassíntese, só ocorre na formação de verbos denominais ou deadjectivais, que apresentam estruturas do tipo (Xb representa a base e - limite de constituinte):

- a-Xb-a-r (*abotoar, acetinar, afundar, agrupar, apaixonar, aportar, arruinar, atapetar, aclarar, agravar, apatetar, avermelhar*)
- en-Xb-a-r (*endeusar, encerar, encorajar, enlatar, ensombrar, embelezar*)
- es-Xb-a-r (*esboroar, esburacar, esfriar, esquentar, esvaziar*)
- es-Xb-e-a-r (*estontear, esverdear*)
- es-Xb-ej-a-r (*esbravejar*)
- a-Xb-ec-e-r (*amadurecer, apodrecer, amanhecer, anoitecer*)
- en-Xb-ec-e-r (*enraivecer, entardecer, endoidecer, ensurdecer*)
- es-X-ec-e-r (*esclarecer*)
- a-Xb-iz-a-r (*aterrorizar, atemorizar*)
- en-Xb-iz-a-r (*encolerizar*).

A consideração destes verbos como derivados por *circunfixação* e não, por exemplo, por *prefixação*, assenta numa concepção não dissociativa das dimensões flexional e derivacional (“strong lexicalist hypothesis”), em que a *vogal temática*:

a) assume *papel derivacional* sempre que em contexto sufixal não co-ocorre qualquer outro elemento derivacional, como em:

- [[**a**-[Xb]-**a**] r] (*abotoar, acetinar, afundar, agrupar, apaixonar, aportar, arruinar, atapetar, aclarar, agravar, apatetar, avermelhar*)
- [[**en**-[Xb]-**a**] r] (*endeusar, encerar, encorajar, enlatar, ensombrar, embelezar*)
- [[**es**-[Xb]-**a**] r] (*esboroar, esburacar, esfriar, esquentar, esvaziar*) e

b) funciona como integrador paradigmático quando em contexto sufixal co-ocorrem outros elementos derivacionais:

- -e-, em [[**es**-[Xb]-**e**] ar] (*estontear, esverdear*);
- -ej-, em [[**es**-[Xb]-**ej**] ar] (*esbravejar*);
- -ec-, em [[**a**-[Xb]-**ec**] er] (*amadurecer, amanhecer*), em [[**en**-[Xb]-**ec**] er] (*enraivecer, entardecer, ensurdecer*) e em [[**es**-[Xb]-**ec**] er] (*esclarecer*); e
- -iz-, em [[**a**-[Xb]-**iz**] ar] (*aterrorizar*) e em [[**en**-[Xb]-**iz**] ar] (*encolerizar*).

Não obstante os custos que um processo deste tipo encerra, trata-se de um esquema derivacional produtivo e disponível no português contemporâneo.

## Processos redutivos, subtractivos, supressivos e abreviativos

Os processos que assentam em *operações de redução* podem envolver a supressão de (i) segmentos mediais ou de (ii) segmentos finais, a (iii) intersecção supressiva de vários segmentos mediais podendo por isso manifestar-se de forma mais ou menos regular ou aleatória. Redução ocorre também aquando da (iv) abreviação e aquando da (v) siglação. Como em outras áreas, também nesta não são univocas as designações usadas; por isso algumas delas (especialmente a abreviação e a siglação) nem sempre aparecem incluídas no âmbito dos processos em apreço.

Não vou alongar-me sobre as manifestações deste tipo de operações no português, a fim de poder debruçar-me mais circunstanciadamente sobre os processos que envolvem afixação. Em todo o caso, cumpro tecer algumas breves considerações sobre as manifestações que as operações de redução/supressão assumem no português.

Menos significativos que os processos aditivos, os *processos subtractivos* ou *redutivos* ocorrem com alguma regularidade em duas circunstâncias, que envolvem

(i) supressão de um segmento medial

⇒ aquando da formação de produtos do tipo *aero-transportado* (compactação de "brigada transportada por meios aéreos"), *credifone* ("crédito para telefone"), *eco-taxa* ("taxa ecológica"), *tele-lixo* ("lixo televisivo"), *tele-voto* ("voto por televisão"), *telemóvel* ("telefone de automóvel/móvel"), *petro-dólares* ("dólares provenientes do petróleo"), *heliporto* ("[aero]porto para helicópteros"), *moto-serra* ("serra a motor"), *cine-clube*, *euro-cépticos*, *euro-mercado*, *euro-misseis*, *turbo-reactor*, *aparthotel*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *ecuato-guineense*, *tragicómico* (tragi[co]cómico), *morfo(fo)nologia*, em que frequentemente são os constituintes com poder predicativo que se apresentam com uma configuração reduzida, abreviada, simplificada.

(ii) supressão de um segmento final

⇒ aquando do uso de determinados recursos derivacionais com poderes truncatórios: *narcótico* e *narcotizar*; *protagonista* e *protagonizar*; *prioridade* e *priorizar*; *polémica* e *polemizar*; *esplendor* ou *esplêndido* e *esplendecer*; *maldade* e *maldoso* (*mald[ad]oso*); *bondade* e *bondoso* (*bond[ad]oso*); *habilidade* e *habilidoso* (*habilid[ad]oso*); *vaidade* e *vaidoso* (*vaid[ad]oso*).

Nos casos deste tipo verifica-se a supressão de segmentos [ $\pm$  sistémicos] pertencentes à parte terminal do constituinte situado à esquerda da nova palavra. Esses constituintes podem ter até estatuto afixal.

(iii) *Cruzamento* ou intersecção supressiva de segmentos mediais

Fenómenos de redução têm também lugar quando ocorre a sobreposição de um ou mais segmentos mediais, fenómeno também conhecido por cruzamento ou contaminação. Neste caso há intersecção ou supressão simultânea de segmentos mediais. Todavia, além de alguns anglicismos (*smog* (smoke+fog); *motel* (motor+hotel)), os exemplos mais representativos estão atestados no português do Brasil: *hospitaú* “seguro hospitalar Itaú”; *malular* “malufar+Lula” (Sandmann, 1989, p.145-152); *brasiguaio* “brasileiro+paraguaio”; *showmício* ‘show+comício’; *novelha* “nova+velha” (“a Nova República brasileira já nasceu velha”); *cantriz* “cantora+atriz” (Alves, 1990, p.70); *momóvel* “momo+(auto)móvel” (Alves, 1994, p.734); *chalé* “café aguado, que evoca o chá” (chá+café).

Ainda que muitos dos numerosos exemplos atestados no português do Brasil correspondam a formações expressivas e efémeras, o certo é que a disponibilidade e a produtividade deste processo genolexical não tem paralelo no português europeu. O recurso a este padrão tem sido explorado em alguns produtos esporádicos, do tipo *eurocratas* (“burocratas europeus”), (os) *bandemónio*, nome de um agrupamento musical [banda+demónio] e *pontemónio*, grande movimento de contestação gerado sobre a Ponte 25 de Abril, que liga Lisboa à margem sul do rio Tejo, por ocasião da subida das portagens, no verão de 1994 [ponte+pandemónio].

Este processo tem igualmente sido revitalizado por Mía Couto, conhecido escritor moçambicano que, com notável originalidade e sentido estético, explora vias de produção signíca potenciadas pelo sistema da língua (*abensonhadas* “abençoadas+sonhadas”).

(iv) *Abreviação* ou *encurtamento*

A *abreviação* ou *encurtamento* consiste na redução da extensão duma palavra, que assim se vê subtraída de uma parte, o mais das vezes terminal, da sua estrutura. Em resultado da abreviação, uma parte da palavra passa a ser usada pelo todo, sem que haja alteração categorial.

A abreviação tende a sofrer um impulso crescente. Atestam-no exemplos tão ilustrativos quanto *expo[sição]*, *estereo[fonía]*, *foto[grafia]*, *metro[politano]*, *pneu[mático]*, *otorrino[laringologista]*, *prof[essor]*, *psi[quiatra]*. O significante que resta representa uma síntese, uma fórmula abreviada/encurtada de um primitivo significante mais extenso.

(v) *Siglação*

Outro processo muito produtivo é o que consiste em representar através duma sigla sequências linguísticas mais extensas. A sigla pode

ser constituída pelas iniciais dos constituintes do sintagma (ONU, PALOP), ou pela união de algumas sílabas (habitualmente as iniciais) do conjunto sintagmático (ANTRAL “associação nacional de transportadores”, CIMPOR “cimentos de Portugal”, UNIBANC “união de bancos”, UNICER “união de cervejas”).

A *priori* este processo não se define propriamente por formar novas palavras, mas por pretender reproduzir simplificada e sequências extensas. O que acontece é que essa sigla, normalmente formada a partir dos segmentos iniciais (*radar* “radio detecting and ranging”; *laser* “light amplification by stimulated emission of radiation”; *yuppies* “young urban professional”), adquire por vezes o estatuto de um novo signo, passando a funcionar como entrada lexical susceptível de operar como base de novos produtos.

Não obstante implicar uma abreviação ou redução de lexemas, nem sempre a siglação tem sido linearmente incluída no conjunto dos processos subtractivos ou supressivos.

Uma breve nota a respeito da *derivação regressiva*. No português europeu contemporâneo a formação de produtos regressivos caracteriza-se por um baixo grau de produtividade, não comparável àquele que se regista no português do Brasil. Por isso, pelo menos no que diz respeito à maior parte dos casos do português europeu, a derivação regressiva carece de uma sólida fundamentação histórica.

Envolvendo uma operação de supressão (*embarcar* ⇐ *embarque*; *abater* ⇐ *abate*; *apanhar* ⇐ *apanha*; *agravar* ⇐ *agravo*), a formação de derivados regressivos define-se como um mecanismo de formação de produtos heterocategoriais em que os operadores flexionais são substituídos por uma marca de género, indispensável aos produtos entretanto gerados.

Questiona-se se a *conversão*, também conhecida por derivação imprópria, pode ou não ser considerada um mecanismo de formação de palavras. Como é sabido, a conversão não envolve alteração da estrutura significante de base, mas somente da categoria léxico-sintáctica e da estrutura semântica desta.

Com base neste argumento a conversão tem sido considerada por alguns como um processo de natureza mais sintáctica do que propriamente morfo-lexical. Em abono desta tese aduz-se o facto de na génese de alguns nomes estar um processo de elisão (*o (sec-tor) têxtil*; *a (cidade) capital*; *o (jogador) lateral*), que abriu caminho à mudança categorial da palavra não elidida (à nominalização do adjectivo), e ainda a presença de uma marca de género no item convertido (*as (eleições) legislativas*;



as (*indústrias*) *cimenteiras*) que perpetua um fenómeno de concordância só explicável à luz do apagamento entretanto ocorrido.

Em suma, no português europeu os processos mais produtivos de formação de palavras são a afixação – por *sufixação*, por *prefixação* e por *circunfixação* – e a composição.

## 2 Dos processos aos paradigmas

Mais do que conhecer quais os processos de formação lexical que o português recorta e activa, importa conhecer o modo como eles se projectam no seu sistema de regras de produção lexical, tanto mais que *não há uma relação biunívoca entre processo e paradigma de formação de palavras: num mesmo paradigma podem concorrer vários processos morfo-lexicais.*

Ora, é a partir deste momento que se colocam as questões cruciais. Como identificar cada paradigma de formação de palavras? Que metodologia usar para identificar as relações semântico-categoriais que presidem a cada regra de produção lexical?

Duma forma ou de outra, a análise dos factos lexicais parte da observação dos produtos lexicais, e começa por identificar grandes eixos de regularidade morfo-semântica. O problema está em saber como determinar se as regularidades convencionais observadas correspondem ou não às relações derivacionais sistémicas por que se define cada regra de formação de palavras (RFP) da língua.

A identificação da relação semântico-categorial que preside a cada RFP requer um cauteloso distanciamento em relação à descrição semântica e/ou à significação convencionalmente associada(s) a cada produto lexical. A diversidade semântico-referencial a que uma palavra se pode prestar e as lexicalizações de sentido que a podem afectar são responsáveis por desfaseamentos, por vezes acentuados, em relação à sua estrutura morfo-semântica derivacionalmente construída. Por isso, se bem que imprescindível, a operação semântica que preside a cada RFP não substitui nem esgota a complexidade semântica do produto construído. Daí também a necessidade de delimitar os diversos níveis de significação compresentes em cada produto derivacional.

São eles: um nível de significação *sistémico*, gerado pelas operações semântico-derivacionais do sistema de formação de palavras da língua; um nível de significações *convencionais*, que podem afectar a

base e/ou o afixo, e que frequentemente são herdadas pelo produto lexical. A este nível situam-se as significações *típicas* que, não sendo sistémicas, estão normalmente associadas aos itens em causa, as que decorrem da *poli-referência*, das *especializações* e das *lexicalizações* que afectam os derivados. A estes acresce um nível de significação enunciativo-pragmático, que se reflecte necessariamente na significação interna dos produtos lexicais e que, por vezes, é incorporado na estrutura semântica convencional dos itens lexicais; e um nível de significação figural, que pode afectar as bases e/ou os derivados: estas estão sujeitas a operações de semântica figural, isto é, a processos de transformação de significações literais em significações figurais, que alteram significativamente a sua estrutura semântica derivacionalmente construída.

O não reconhecimento dos diferentes níveis de organização semântica dos produtos lexicais permite que o sistémico e o convencional não sejam devidamente demarcados e que, por exemplo, com base na simples presença de *-ão* (*aldrabão, resmungão, escaldão*) se confira ao derivado um semantismo intensivo, subestimando-se o valor agentivo pelo qual ele se define.

Como atrás dizia, a análise das operações semântico-categoriais que dão corpo ao sistema de formação de palavras numa língua começa por proceder ao levantamento das regularidades derivacionais constatáveis entre produtos e respectivos constituintes.

Mas as regularidades e as semi-regularidades encontradas não correspondem necessariamente às regularidades profundas e sistémicas que consubstanciam o conjunto de regras de formação de palavras numa língua. Por exemplo, as paráfrases de posse ["que tem/possui Nb"] associadas a muitos adjectivos em *-os-* (*brioso; consciencioso; nervoso; rugoso; ventoso*) ou em *-ud-* (*cabeçudo; orelhudo; peludo; sortudo*) não correspondem a uma relação semântica sistémica, porque:

- a significação de posse não está sistematicamente associada a estes sufixos: nem todos os adjectivos em *-os-* ou em *-ud-* significam posse; muitos significam semelhança ["que tem semelhança com Nb; que evoca Nb"] (*cabelo sedoso* "que tem sedas", "que evoca a seda, que possui algumas propriedades da seda"; *repolhudo*);
- outros sufixos que formam adjectivos denominais também significam posse (*aromático; barbado; barrento; febril; metódico*) ou semelhança (*cristalino; dantesco; senhoril; solarengo*).

Analisando o paradigma derivacional em que operam estes sufixos, verificamos que as significações de posse, de similitude, de prove-

niência, de tipicidade são variantes da significação genérica construída derivacionalmente, e que é parafraseável por “relativo a Nb”, “em relação com Nb” (*artesanal; cervejeiro*). Essas significações mais específicas e convencionais são condicionadas pela estrutura semântica da base e/ou do afixo e são muitas vezes orientadas pelo N nuclear com que o adjectivo está relacionado.

Assim, a RFP REL constrói adjectivos denominais relacionais genericamente para-fraseáveis por “relativo a Nb”, “em relação com Nb” (*artesanal; cervejeiro; comercial; diário; hoteleiro; parlamentar; solar*).

Esta significação genérica admite diversas variantes, determinadas pela semântica da base e/ou do afixo. São exemplo dessas variantes: a de *posse* (“que tem/possui Nb”: *aromático; barbado; barrento; brioso; febril; maniaco; metódico; sortudo*); a de *procedência* (“que é originário/proveniente de Nb”: *algarvio; beirão; brasileiro; chileno; europeu; francês; israelita; judaico; lisboeta; londrino; minhoto; peruano; portuense*), que caracteriza os adjectivos étnicos; a de *semelhança* ou de *similitude* (“que tem semelhanças com Nb; que evoca Nb, que tem x propriedades de Nb”: *rosado; cristalino; dantesco; senhoril; solarengo; simiesco*); a de *tipicidade* (“que é típico, próprio, característico de Nb”: *fradesco; partidário; policial*); a de *pertença* ou de *inclusão* (“que pertence a Nb”: *autárquico; familiar; governamental; intestinal; oceânico*); a de *filiação* (“que é adepto, simpatizante, partidário de Nb”: *budista; cartista; ecologista; monárquico; portista; republicano*); a de *causa* (“que causa, provoca Nb”: *barulhento; enfadonho; medonho; terrorista*).

Por conseguinte, nem todas as regularidades semânticas são sistémicas, não representando portanto necessariamente as relações semântico-derivacionais estruturantes duma RFP; por isso há que evitar que as relações semânticas de natureza convencional sejam indevidamente encaradas como sistémicas.

Por isso também a presença dum determinado tipo de semantismo, ainda que estruturante duma dada RFP, não é critério suficiente para a caracterização dum produto derivacional. A significação agentiva presente em *desenhista, farrista, desenhador e farrante* não pode ocultar o facto de os dois primeiros serem primitivos adjectivos relacionais e os dois últimos serem agentivos deverbais e, por isso, só nestes o valor agentivo ser definitório.

Impõe-se, portanto, o estabelecimento de diferentes graus de sistematicidade e/ou de regularidade, e o reconhecimento dos diferentes tipos de padrões composicionais em jogo.

Determinar o conjunto de paradigmas de formação de palavras numa língua implica ser capaz de abstrair das regularidades derivacionais observáveis as relações derivacionais sistêmicas que consubstanciam as regras de formação de palavras dessa língua. É o que procuraremos pôr em prática na secção seguinte.

### 3 Paradigmas de formação de palavras

Postula-se que cada paradigma derivacional se define por uma relação semântico-categorial unitária, mas não necessariamente unicategorial. No âmbito de cada RFP podem actuar diversas operações morfo-semânticas, designadamente a prefixação e a sufixação, a sufixação e a circunfixação, a sufixação e a derivação regressiva. Ao serviço de cada paradigma podem estar diferentes operadores afixais.

Distinguiremos as regras de formação de palavras que dão origem a produtos isocategoriais das que geram produtos heterocategoriais. A distinção entre estes dois grupos assenta na ausência e na presença de alteração categorial entre base e derivado.

Enunciam-se de seguida algumas das RFP do português:

1 RFP AG, que dá origem a agentivos deverbiais parafraseáveis por "que V" (*ajudante, cobrador, compensador, desenhador, fabricante, ovinete, servente, traficante*), alguns dos quais, uma vez nominalizados, designam instrumentais parafraseáveis por "aquilo com que se V; instrumento com que (se) V" (*aspirador; esfregão; gerador; picão; picareta*). São operadores ao serviço desta regra os sufixos *-or* (*operador*), *-nte* (*comerciante*), *-ão* (*aldrabão; refilão*).

2 RFP ACT, que dá origem a "nomina actionis" deverbiais, parafraseáveis por "o facto de V" e, mais precisamente, "acção, processo, estado (decorrente) de V". "Actionis" recobre, assim, a manifestação ou a ocorrência de V, qualquer que seja a natureza semântica de V. São operadores ao serviço desta regra os sufixos *-mento* (*acolhimento, entendimento, ferimento*), *-ção* (*atrapalhação, elaboração, fundição, indignação, medição*), *-agem* (*contagem, lavagem*), *-ão* (*tropeção*), *-aria* (*zombaria*), *-nça* (*vingança*).

3 RFP REL, que forma adjectivos relacionais genericamente parafraseáveis por "em relação com Nb", "relativo a Nb" (*ambiental, cerebral, dental, diário, empresarial, energético, florestal, granítico, invernosso, livresco, muscular, oceânico, ordeiro, ornamental, outonal, parasitário, primavera, terrestre*).

Em função da estrutura semântica da base e/ou do afixo, o conteúdo genérico da RFP REL admite diversas variantes que individualizam os chamados adjetivos *étnicos* (RFP REL. ÉTNICA: "que provém de Nb"), de *posse* (RFP REL. POSS: "que possui/tem Nb"), de *semelhança* ou de *similitude* (RFP REL. SIMIL: "que evoca, que tem x propriedades de Nb"), de *pertença* ou de *inclusão* (RFP REL. PERT: "que pertence a Nb"), de *tipicidade* (RFP REL. TIPIC: "que é típico, próprio, ou característico de Nb"). Mais propriamente, estes adjetivos têm por função estabelecer ou agenciar relações de tipo analógico, inclusivo ou possessivo, entre Nb e o Nn (nome nuclear) que eles determinam. São muito numerosos os sufixos ao serviço desta regra. Deles se destacam: *-ad* (*frutado, salmonado*); *-al* (*comercial*); *-an* (*republicano*); *-ão* (*beirão, gargantão, trintão*); *-ar* (*familiar*); *-ári-* (*centenário*); *-eir-* (*hoteleiro*); *-ej-* (*castrejo*); *-eng-* (*solarengo*); *-enh-* (*nortenho*); *-en-* (*terreno*); *-ense* (*setubalense*); *-ent-* (*barrento*); *-ês* (*montenhês*); *-esc-* (*gigantesco*); *-estre* (*campestre*); *-et-* (*lisboeta*); *-éu* (*ilhéu*); *-ic-* (*granítico*); *-il* (*primaveril*); *-in-* (*crystalino*); *-ista* (*clubista*); *-onh-* (*risonho*); *-os-* (*gelatinoso*); *-ot-* (*minhoto*); *-ud* (*abelhudo, barbudo, repolhudo*).

4 RFP MUDANÇA, que produz verbos denominais e deadjectivais de mudança de estado, parafraseáveis por "transformar em/tornar(-se) Xb" (*adultecer, amadurecer, amenizar, apalaçar, clarear, clarificar, deificar, dignificar, endeusar, entardecer, entristecer, escurecer, esvaizar, facilitar, fragilizar, fraquejar*), "afectar Xb", "prover de Xb" (*açucarar, arborizar, encerar, favorecer, vacinar*), "causar Xb" (*agonizar, aterrorizar, danificar, enraivecer, esfomear, ruborescer*). Se se considerar a transferência locativa como uma manifestação de [ou como implicando] mudança de estado, então também verbos do tipo aportar, aprisionar, armazenar, aterrar e encaixotar podem ser incluídos no âmbito desta regra. Ao serviço desta regra estão os sufixos *-a-*, *-e-*, *-ec-*, *-ej-*, *-esc-*, *-iz-*, *-ífic-*, e os circunfixos enumerados na primeira parte deste trabalho.

5 RFP ESSIV, que produz essivos ou "nomina essendi" de predicativos parafraseáveis por "o facto de ser p" (*amabilidade; calmaria; calvície; certeza; frescura; imundície; inteligência; lealdade; lentidão; quietude; sofreguidão; solidez; subtileza*), em que *p* representa a propriedade de base (*p*) a ser nominalizada, em algumas(s) das suas dimensões. São sufixos desta regra: *-aria* (*calmaria*); *-(i)dade* (*atlanticidade*); *-eira* (*cegueira*); *-ncia* (*elegância*); *-eza* (*delicadeza*); *-ez* (*timidez*); *-ia* (*alegria*); *-ice* (*doidice; velhice*); *-ície* (*calvície*); *-(i)dão* (*vermelhidão*); *-itude* (*quietude*); *êor* (*amargor*); *-ume* (*azedume*); *-ura* (*desenvoltura*).

6 RFP MODAL, que produz adjectivos deverbiais de modalização,<sup>3</sup> frequentemente parafraseáveis por “que se pode/deve V”, “que pode/deve ser V-do”, “passível de ser V-do”, “que merece ser V-do” (*adorável; audível; evitável; louvável; operável; solúvel*). O sufixo que opera no âmbito desta regra é *-vel*.

7 RFP QUANT, que produz “nomina quantitatis”, parafraseáveis por “conjunto de Nb”, “(grande) quantidade de Nb” (*berreiro; casario; folhagem; papelada; passaredo; pedraria; penugem; vasilhame*). Como operadores desta regra destacam-se os sufixos *-ada* (*passarada*); *-agem* (*folhagem*); *-ame* (*vasilhame*); *-ari-* (*casario*); *-ári-* (*preçário*); *-edo* (*passaredo*); *-eir-* (*berreiro*); *-ugem* (*penugem*).

8 RFP EVENT, que produz “nomes de evento”, genericamente parafraseáveis por “evento relacionado com Nb” e, mais especificamente, “evento localizado no tempo” (*abrilada, entrudada*), “evento localizado no espaço” (*belenzada*), “evento praticado com Nb” e, mais convencionalmente, “golpe praticado com Nb” (*cacetada, canelada, paulada*), em que Nb designa um instrumento (ou algo que pode desempenhar as mesmas funções) com que se desfez um golpe e/ou que é dele objecto (*canelada*).

9 RFP AVAL. Esta regra, geradora de produtos isocategoriais, opera sobre diversos tipos de bases (N, A, V), e admite numerosas variantes, cada uma das quais corresponde a um dado grau de avaliação.

A avaliação consiste na ponderação do grau de presença, manifestação, intensidade ou de plenitude da(s) propriedade(s) da base (Xb) que são objecto de avaliação. A avaliação pode ser de natureza quantitativa e/ou qualificativa, sendo Xd genericamente parafraseável por “Xb avaliado quantitativa e/ou qualificativamente”. O resultado da avaliação traduz-se, assim, pela expressão da alta/maior ou da baixa/menor quantidade e/ou qualidade de *p*, em que *p* representa a propriedade avaliada, ou a própria base, quando esta se define por *p*.

Dos diversos níveis de avaliação afixalmente expressos destacam-se:

- excessivo, de presença/manifestação de *p* em grau excessivo, excepcional;
- superlativo, de presença/manifestação de *p* em grau superlativo, máximo;

---

3 Agradeço à Maria Helena de Moura Neves esta sugestão interpretativa.

- aumentativo-intensivo, de presença/manifestação de p em grau de intensidade muito ou bastante elevada;
- diminutivo-atenuativo, de presença/manifestação de p em grau atenuado, mitigado.

Em função da natureza de Xb, assim o derivado é parafraseável por “Nb de pequenas/grandes dimensões”, “Nb em grau de qualidade máxima/elevada/mínima, superior/elevada/inferior”, “muito/bastante/um pouco Ab”, “Vb em grau de intensidade reduzido e/ou de forma iterativa e/ou de forma menos perfeita”.

No âmbito desta regra actuam diversos operadores afixais, de tipo prefixal e sobretudo de tipo sufixal. Salvaguardadas as naturais flutuações que caracterizam o valor das entidades linguísticas, cada operador afixal situa-se numa zona de avaliação relativamente bem delimitada, configurando-se assim uma distribuição de tipo complementar e/ou de afinidade familiar entre os diversos afixos avaliativos.

Os numerosos afixos ao serviço desta regra distribuem-se do seguinte modo pelas diferentes zonas de avaliação:

- diminutivo-atenuativa: *-inh-*; *-it-*; *-et-*; *-ec-*; *-iç-*; *-im-*; *-at-*; *-in-*; *-ej-*; *-uch-*; *-ach-*; *-el-*; *-ol-*; *mini-*.
- aumentativo-intensiva: *-ão-*; *-aç-*; *-arr-*; *-orr-*; *-ázi-*; *-uç-*; *mega-*; *macro-*; *super-*.
- superlativo: *-im-*, nas variantes *-íssim-*, *-ílim-* e *-érrim-*.
- excessivo: *extra-*; *hiper-*; *sobre-*; *super-*; *supra-*; *ultra-*.

Dado o grande número de operadores afixais ao serviço desta regra, a especificidade de cada um assenta não só no grau de avaliação que eles explicitam, mas também no facto de cada um ser tendencialmente mais propenso à expressão de uma avaliação qualitativa e/ou quantitativa; acresce que das propriedades idiossincráticas de alguns sufixos fazem parte algumas das particularidades que convencionalmente definem o seu uso pragmático.

São produtos que expressam a ocorrência de p em grau mais baixo que em Xb:

⇒ os nomes: *aranhico*; *barbicha*; *casaquito*; *farolim*; *ilhéu*; *ilhota*; *livrinho*; *lugarejo*; *papelucho*; *rapazito*; *riacho*; *ruela*; *sacola*; *sacudidela*; *saleta*; *mini-mercado*;

⇒ os adjectivos: *doentinho; doentito; grandinho; grandito; magrizela;*

⇒ os verbos: *saltar; chuviscar; cuspinhar*.<sup>4</sup>

Expressam a ocorrência de *p* em grau elevado/intenso:

⇒ os nomes: *barcaça; bocarra; cabeçorra; casacão; dentuça; homenzarrão; moscardo; mulheraçã; pacotão; pratalhão; solzão; solzaço; vozeirão; mega-concerto; super-espectáculo;*

⇒ os adjectivos: *bonzão; mansarrão; ricaço; tristonho.*

Expressam a ocorrência de *p* em grau muito elevado/máximo/superlativo:

⇒ os adjectivos: *altíssimo; humilimo; paupérrimo.*

São produtos que expressam a ocorrência de *p* em grau excepcional/excessivo:

⇒ os adjectivos: *arquimilionário; extrafino; hipersensível; sobrevalorizado; super-alimentado; supradotado; ultrabarato*

10 A estas acrescem as RFP que operam fundamentalmente com recursos *prefixais*, e de que se salientam, ainda numa formulação pouco rigorosa:

⇒ RFP POSICIONAMENTO (ou de LOCALIZAÇÃO) ESPACIO-TEMPORAL, isto é, de expressão da temporalidade (*ante-, pre-, post-*) e da espacialidade nas suas diferentes modalidades (*anfi-, ante-, circum-, dia-, endo-, entre-, epi-, exo-, extra-, hipo-, infra-, inter-, intra-, peri-, pro-, sobre-, sub-, trans-, vice-*);

⇒ RFP NEG, de expressão da negação (*des-, in-*);

⇒ RFP PRIV, de manifestação de privação (*a(n)-*);

⇒ RFP OPOS, de expressão da oposição (*anti-, contra-*).

Os paradigmas identificados não só não cobrem todo o sistema derivacional do português, como também carecem dum estudo mais acurado, intra- e interparadigmático.

Como em outros trabalhos tenho tido ocasião de evidenciar, a coerência interna do quadro delineado não só não exclui interferências entre os paradigmas identificados, e entre estes e os seus produtos, como até as incorpora, ao mesmo tempo que não colide com aquilo que se conhece acerca da evolução do sistema derivacional do português.

Todavia, a análise do sistema genolexical do português não se esgota na identificação das coordenadas semântico-categoriais por que se define cada regra de formação de palavras e no reconhecimento das modalidades que assume a interacção entre processos e paradigmas.

---

4 Quando a base é um verbo, Vd define-se como "V (praticar, exercer, executar a acção designada por V) em grau de intensidade reduzido e/ou de forma interativa e/ou menos perfeita".



O estudo das relações entre as regras de formação de palavras e os seus produtos, mormente quando discursivamente inscritos, não deixará por certo de aduzir novas perspectivas sobre a identidade e o funcionamento dos mecanismos genolexicais.

RIO-TORTO, G. M. Word-formation rules of the European Portuguese. *Alfa (São Paulo)*, v.42, (n.esp.), p.13-32, 1998.

- **ABSTRACT:** *Based on the distinction between genolexical processes and word-formation rules we characterize the main genolexical processes activated by the Portuguese language, identifying and describing some of the most relevant word-formation rules of the European Portuguese language.*
- **KEYWORDS:** *Word-formation; lexicon; lexicology; morphology; European Portuguese language; Portuguese word-formation; Portuguese linguistics.*

## Referências bibliográficas

ALVES, M. I. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. O vocabulário do carnaval brasileiro. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGÍA ROMÁNICAS, 19, 1989, Santiago de Compostela. *Actas... s.l., s.n., 1994. v.6, p.727-35.*

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor, Ícone, 1989.

## Bibliografia consultada

ANDERSON, S. R. Typological distinctions in word formation. In: SHOPEN, T. (Ed.) *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. v.3, p.3-56.

BASÍLIO, M. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

CARVALHO, J. G. H. *Teoria da linguagem: natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas*. Coimbra: Coimbra Editora, 1984. v.2.

- CORBIN, D. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Tübingen: Max Niemeyer, 1987. 2v.
- KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.
- PENA, J. La palabra: estructura y procesos morfológicos. *Verba*, v.18, p.69-128, 1991.
- RIO-TORTO, G. M. Contribuição para o estudo da especificidade morfo-lexical dos sufixos: os sufixos -aria. *Biblos*, v.62, p.305-64, 1986.
- \_\_\_\_\_. Operações derivacionais que envolvem os sufixos -ão em português. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 2, 1986, Lisboa. *Actas...* Lisboa: Publicação da Associação Portuguesa de Linguística, 1987. p.105-45.
- \_\_\_\_\_. Morfologia das palavras construídas em -ad(-a). *Biblos*, v.63, p.97-178, 1987.
- \_\_\_\_\_. Morphologie des adjectifs portugais en -ado. *Lexique*, v.10, p.241-67, 1991.
- \_\_\_\_\_. Do ser à acção: "o facto de ser x", "estatuto de x" e "atitude de (quem é) x". *Revista da Universidade de Coimbra*, v.37, p.427-56, 1992.
- \_\_\_\_\_. Processamento derivacional em português. In: ENCONTRO DE PROCESSAMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA E FALADA, 1, 1993. *Actas...* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. p.89-92.
- \_\_\_\_\_. *Formação de palavras em português: aspectos da construção de avaliativos*. Coimbra, 1993. 977p. Dissertação (Doutoramento em Linguística Portuguesa) – Universidade de Coimbra.
- \_\_\_\_\_. Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação? I ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 9, 1993, Coimbra. *Actas...* Lisboa: Colibri, 1994. p.351-62.
- \_\_\_\_\_. Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral. *Diacrítica*, v.9, p.319-42, 1995.
- \_\_\_\_\_. Formação de palavras: um espaço de confluência e de interactividade. *Biblos*, v.71, 1995. (No prelo).
- \_\_\_\_\_. Processos e paradigmas de formação de palavras em português. CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PORTUGUÊS, 1994, Lisboa. *Actas...* (No prelo).
- SANDMANN, A. J. *Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1991.
- VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994. cap.3, p.51-125.